

A Aldeia da Várzea (Serra do Soajo) Situação actual e a inundação, para breve, da sua Veiga

Rosa Fernanda Moreira da Silva

INTRODUÇÃO

Para uma melhor compreensão da evolução temporal e consequentes mutações do arranjo do espaço rural da Serra Minhota passamos a apresentar este estudo, de características descritivas sobre a aldeia da Várzea, situada na serra do Soajo. Não se pretende, ao menos neste artigo, debater algo sobre o futuro ordenamento do espaço rural serrano. Pareceu-nos, porém, urgente e oportuno elaborar um estudo documental sobre uma área rural que, muito em breve, ficará parcialmente submersa.

Não é, contudo, objectivo deste texto expor os resultados da nossa investigação sobre os reflexos da implantação das centrais hidroeléctricas, mas exclusivamente deixar um testemunho documental sobre a aldeia da Várzea, cuja Veiga será submersa pela albufeira do aproveitamento hidroeléctrico do Alto Lindoso.

A Várzea é uma aldeia serrana de economia agro-pastoril, onde persiste uma agricultura de subsistência. Por isso, importa, antes de mais, referir que a finalidade deste nosso texto vai recair sobretudo nos problemas económicos e sociais de uma população serrana e na viabilidade económica da actual Veiga.

Embora nos interroguemos sobre o futuro próximo desta aldeia, após a submersão da Veiga, pensamos que a amplitude e complexidade do problema exige formulação de propostas alternativas para o espaço rural da Serra Minhota na sua globalidade. Limitar-nos-emos, portanto, a apresentar algumas preocupações sobre a sobrevivência de uma população que ficará privada da sua melhor área de lavradio.

Finalmente, diremos que a Várzea se enquadra no tema da nossa investigação actual sobre «A Sociedade e a Montanha Minhota». A complexidade deste tema exigiu uma minuciosa e morosa recolha documental, que numa primeira fase, somente englobou os espaços das serras do Gerês, Amarela e Soajo, e que decorreu com efeito desde 1981¹ a Maio de 1985. Os resultados serão muito em breve publicados.

1. VÁRZEA. SITUAÇÃO ACTUAL

1. *Alguns aspectos de enquadramento* A aldeia da Várzea é pertença da freguesia do Soajo e, simulta-



Foto A - VÁRZEA, vista geral.

A área de socalcos da Veiga vai ser submersa até 339 metros de altitude, cota das primeiras casas da aldeia. A margem esquerda do rio de Castro Laboreiro é já domínio Espanhol. Fotografia tirada do Sul. Abril, 1985.

¹ O primeiro contacto com os complexos problemas económicos e sociais da Serra Minhota coincidiu com a apresentação da Dissertação Complementar de Doutoramento, 1981.

neamente, da área concelhia de Arcos de Valdevez (Fig. 1). Localiza-se na margem direita do rio Castro Laboreiro, afluente do rio Lima (Fig. 2). Tanto o Castro Laboreiro como o rio Lima sulcam vales muito encaixados e, geralmente, talhados em granito. Em complementaridade a Foto A mostra a localização da aldeia da Várzea a meia encosta, onde é evidente uma ruptura de declive e a passagem para uma pequena rechã. A topografia favoreceu, em parte, o trabalho persistente e árduo do homem, que através de várias gerações construiu os belos socalcos da actual Veiga, os quais se estendem desde os 200 aos 339 metros de altitude.

Fig. 1 — Localização da Várzea na freguesia do Soajo, concelho de Arcos de Valdevez

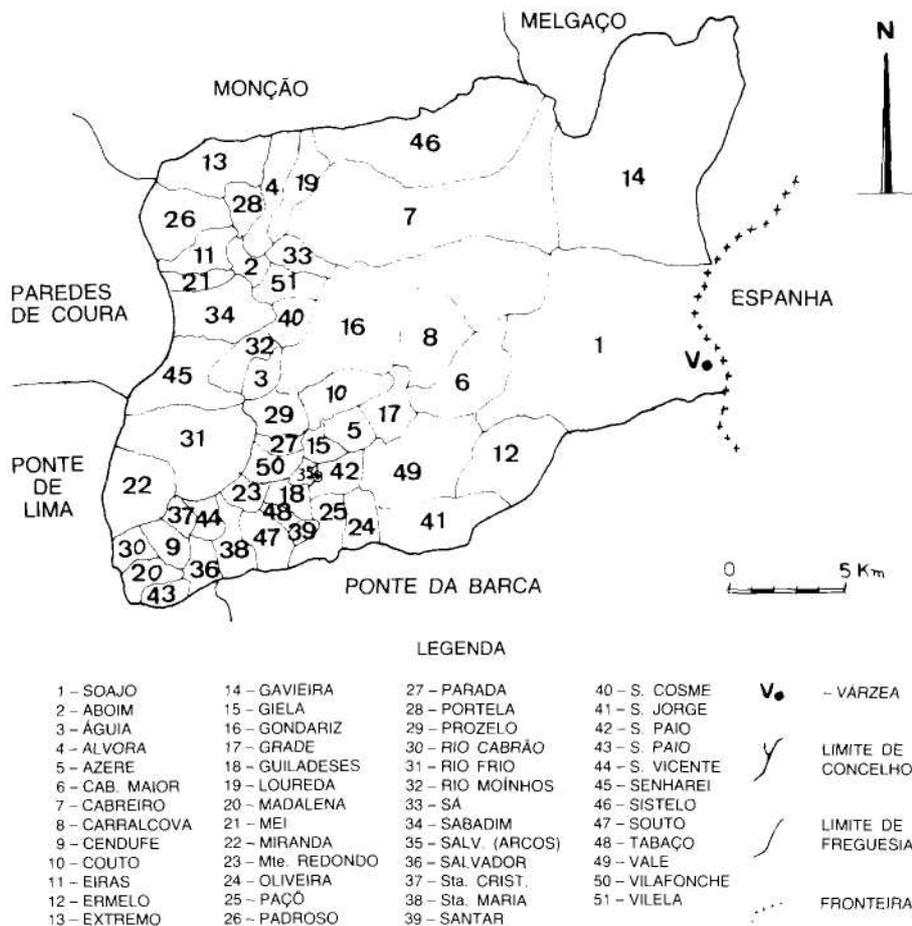
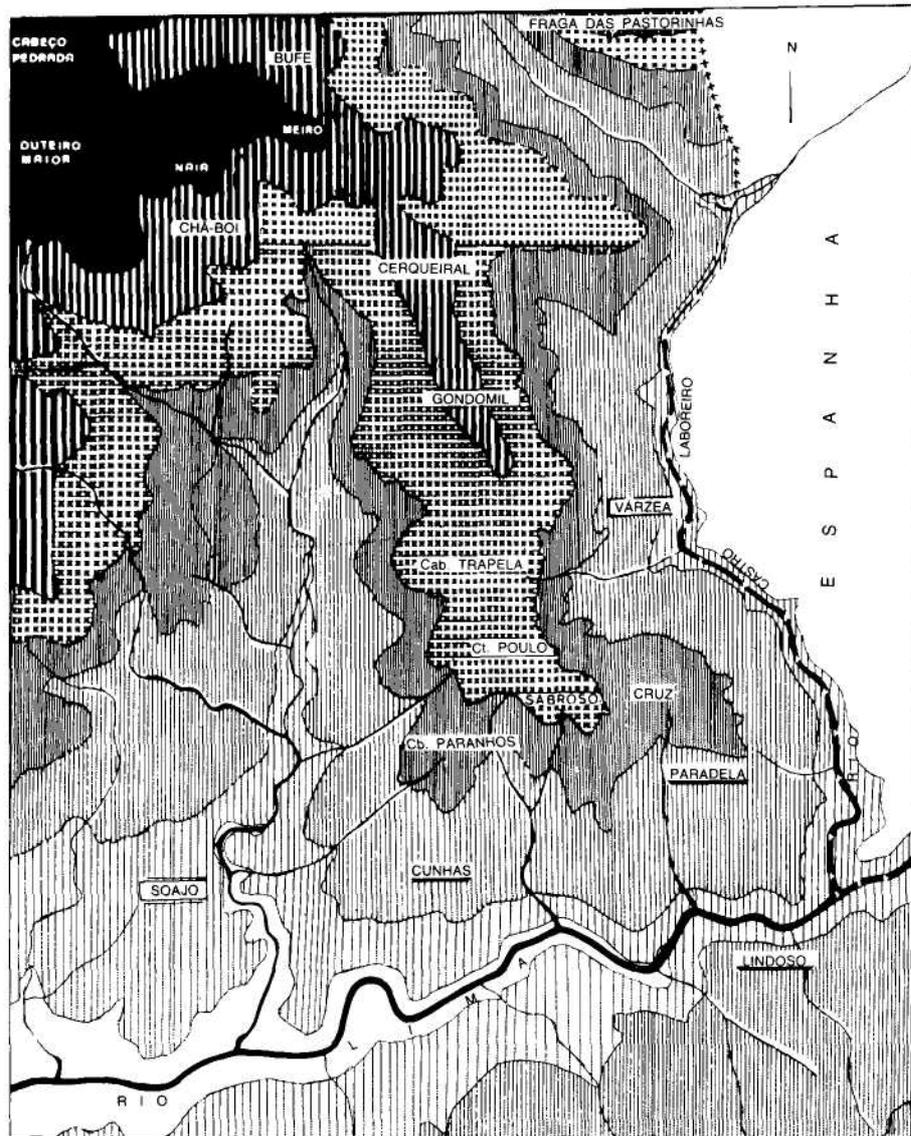


Fig. 2 — Esboço Hipsométrico



SEDE DE FREGUESIA

ALDEIA DA VÁRZEA

OUTRAS POVOAÇÕES

FRONTEIRA

LINHAS DE ÁGUA

0 1 2 Km.

— ALTITUDE —

DE 1 000 A 1 400 m.

DE 800 A 1 000 m.

DE 650 A 800 m.

DE 550 A 650 m.

DE 350 A 550 m.

DE 200 A 350 m.

INFERIOR A 200 m.

A leitura interpretativa da Fig. 2 sublinha que, a área em estudo se enquadra num espaço morfológico de serra. Os níveis de arrasamento de 570 a 1 300 metros de altitude (Monte do Campo Grande - 546 m, Alto do Sabroso - 642 metros, Cruz - 622 metros, Couto do Poulo - 732 metros, Porco - 776 metros, Cabeço da Trapela - 782 metros, Gondomil - 880 metros, Cerqueiral - 904 metros, Meiro - 983 metros, Naia - 1099 metros e Outeiro Maior - 1393 metros), encontram-se fortemente dissecados por numerosas linhas de água que confluem no rio Castro Laboreiro ou directamente no Lima.

Nos níveis de 760 a 1 216 metros de altitude e nalgumas das encostas aflora a rocha a nu, juntamente com uma fraca cobertura herbácea e arbustiva. Há, contudo, belas e extensas manchas de carvalhais (Foto B).



Foto B - Baldio e mato na vertente do Ramalhal.

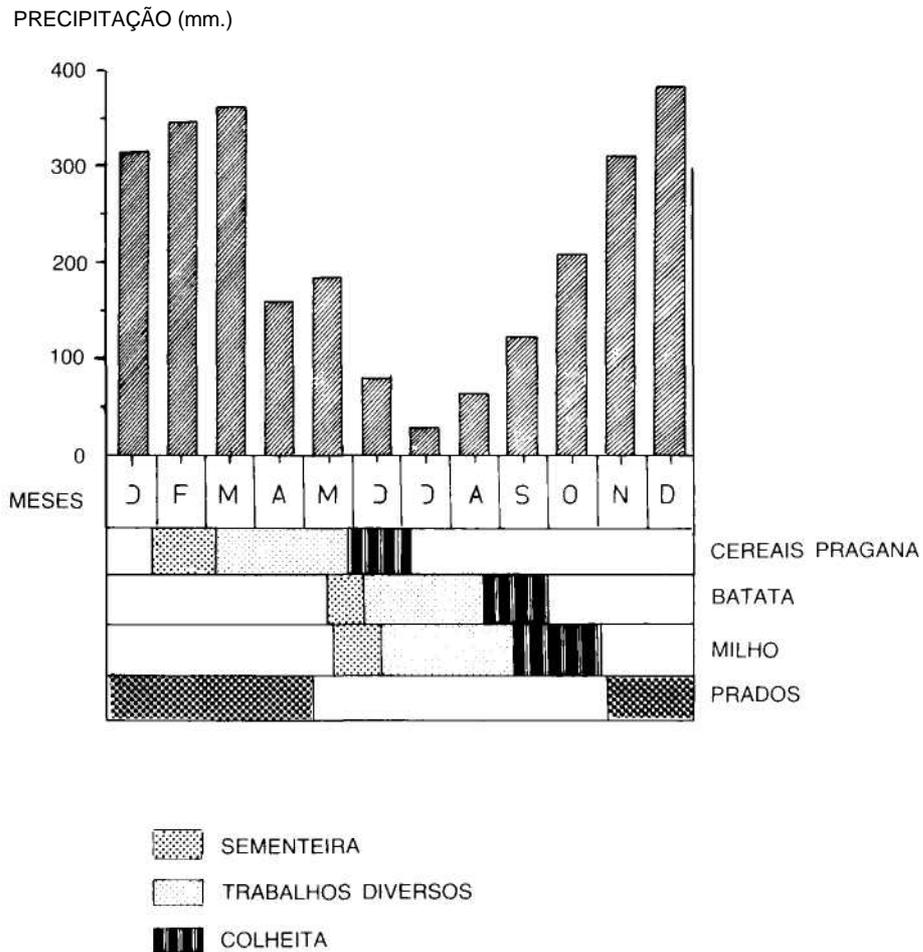
Em primeiro plano socalcos do extremo Sul da Veiga, há campos com centeio e outros com forragem. Várzea, Maio de 1985.

Se passarmos à leitura da Fig. 3 é possível relacionar, ao longo de um ano agrícola, a evolução do binómio elemento atmosférico - trabalho da terra. De imediato se pode associar à estação chuvosa e fria a época leve de trabalhos agrícolas, e mesmo ausência destes de Dezembro a Janeiro. Este facto é justificado, por um lado pelo ex-

cesso de água no solo e por outro lado pela ocorrência de neve. Estes dois condicionalismos retardam as sementeiras dos cereais de praga. Pode dizer-se que o atraso verificado na ocupação dos solos pelo centeio e o conseqüente prolongamento dos trabalhos de colheita do milho até Outubro, são conseqüência directa das características morfo-climáticas destes locais serranos.

Nestes solos podemos dizer que é a água, na sua função de rega, que lhes vai conferir o índice de produtividade. A par da água do no Castro Laboreiro, de caudal muito reduzido na época estival, muitas

Fig. 3 — **Calendário Agrícola.**
Posto Udométrico do Lindoso.



são as linhas de água que sulcam a vertente onde se desenvolve a Veiga² da Várzea.

Para além deste breve enquadramento, numerosos são e variáveis no seu conjunto, em função do tempo, os factores de ordem natural e humana responsáveis pela presente ocupação do solo da área em estudo e pelo seu futuro.

2. População (Breves considerações)

Para um melhor enquadramento e compreensão dos problemas alusivos à Várzea, decidimos apresentar uma leitura da variação intercensitária da população em todas as freguesias do concelho de Arcos de Valdevez (Fig. 4). Em relação aos bidecénios considerados é possível dizer-se que, desde 1878 a 1960, salvo raríssimas excepções, houve acréscimos da população. Contudo, no período de 1960 a 1981 o fenómeno de variação da população presente passa a registar acentuada diminuição em todas as freguesias, exceptuando as de Aguiã e de Tabaçô. Na freguesia do Soajo houve um decréscimo de 1497 habitantes.

Se encararmos, como elemento de complementaridade, o aspecto da parcela da população activa nos sectores secundário e terciário, notamos um fraco peso dos seus valores absolutos em relação à maioria das freguesias do concelho de Arcos de Valdevez.

Continuando esta breve análise à escala de freguesia, deve sublinhar-se que ao baixo valor percentual atribuído à população residente activa masculina opõem-se, em quase todas as freguesias, valores indiciais de ruralidade superiores a 0,70³. A variação dos valores referentes aos índices de ruralidade nas diferentes freguesias permite-nos criar agrupamentos. Assim, no primeiro os valores estão compreendidos entre 0,04 e 0,33, no segundo variam de 0,40 a 0,60, e, finalmente, um terceiro inclui valores superiores a 0,76 (Quadro 1). Na freguesia do Soajo ao elevado índice de ruralidade (0,79) associa-se uma taxa de feminilidade de 60,6%⁴.

² Designação local para a área de cultivo da aldeia.

³ Índice de ruralidade - Ir

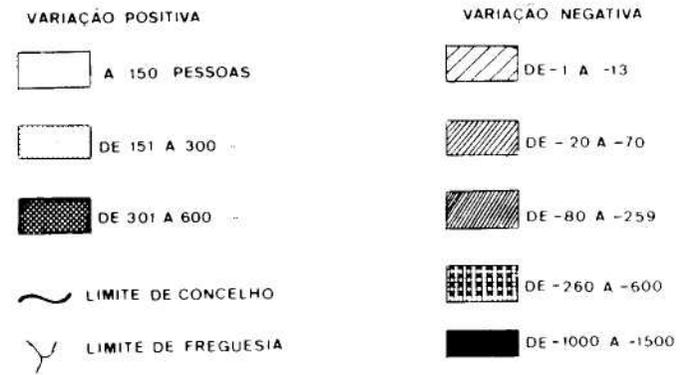
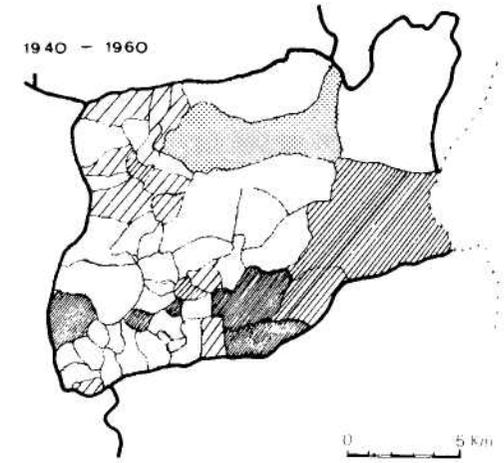
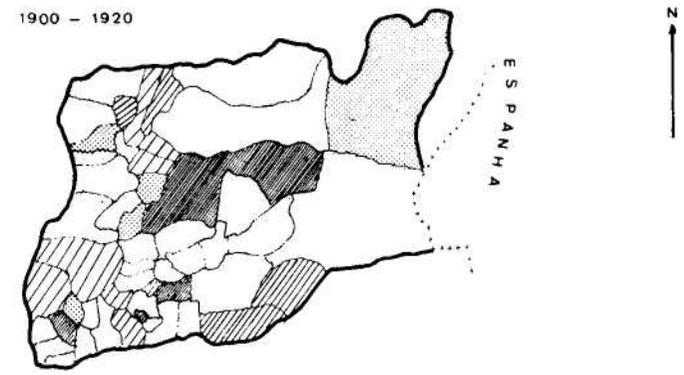
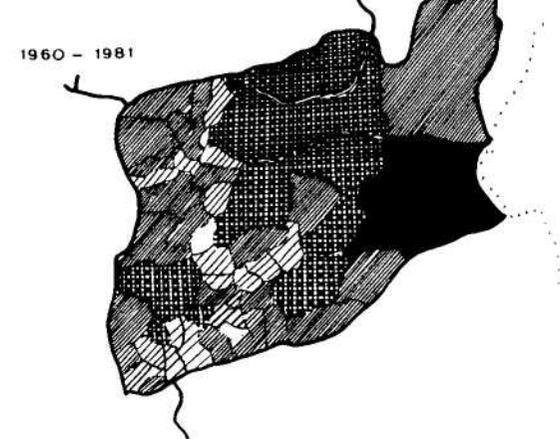
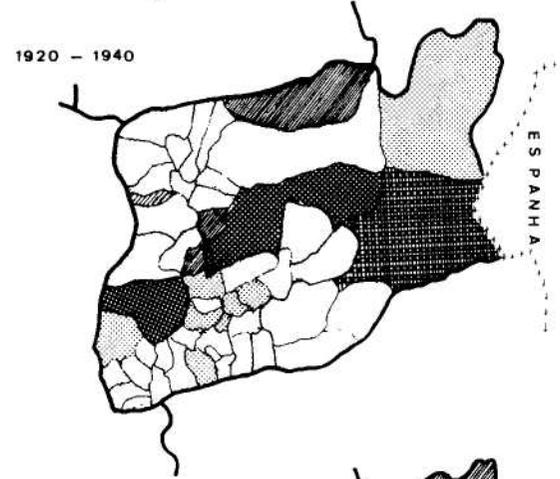
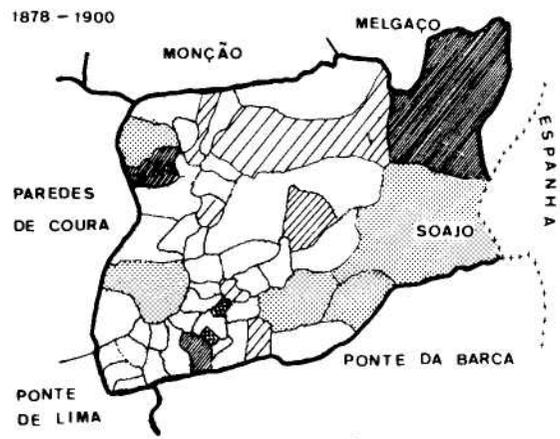
$$Ir = \frac{P(r)}{P(t)} \quad \begin{array}{l} P(r) - \text{População agrícola} \\ P(t) - \text{População total} \end{array}$$

⁴ Taxa de feminilidade - Tf

$$Tf = \frac{P(f)}{P(t)} \times 100 \quad \begin{array}{l} P(f) - \text{População feminina} \\ P(t) - \text{População total} \end{array}$$

Quadro 1 - ÍNDICE DE RURALIDADE E TAXA DE FEMINILIDADE, POR FREGUESIAS, CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ

FREGUESIAS	ÍNDICE RURALIDADE	POPULAÇÃO RESIDENTE ACTIVA, 1981					
		TOTAL		Sector Secundário		Sector Terciário	
		H + M	%H	H + M	Taxa Feminilidade	H + M	Taxa Feminilidade %
ABOIM	0.73	193	50,7	25	16,0	27	25,9
ÁGUIA	0.45	295	62,7	136	—	25	24,0
ALVORA	0.60	140	68,6	33	3,0	22	40,9
AZERE	0.74	75	45,3	15	20,0	4	25,0
CABANA MAIOR	0.85	194	32,9	21	—	8	12,5
CABREIRO	0.95	474	40,5	5	—	17	58,8
CARRALCOVA	0.92	111	22,5	6	—	2	50,0
CENDUFE	0.81	216	58,6	24	—	16	25,0
COUTO	0.61	323	54,1	69	10,0	55	38,1
EIRAS	0.89	174	50,0	10	—	9	66,6
ERMELO	0.92	66	45,5	3	—	3	50,0
EXTREMO	0.88	123	46,3	10	10,0	4	—
GAVIEIRA	0.91	400	49,0	19	—	15	66,6
GIELA	0.24	148	72,2	36	11,1	80	35,0
GONDORIZ	0.70	556	43,7	94	4,2	72	47,2
GRADE	0.86	202	31,1	19	—	8	50,0
GUILHADESES	0.48	252	60,3	65	4,6	66	33,3
LOUREDA	0.82	174	44,8	9	—	21	28,5
MADALENA	0.76	236	44,5	16	—	13	35,2
MEI	0.79	139	43,1	16	—	13	76,9
MIRANDA	0.91	430	40,2	20	10,0	16	25,0
MONTE REDONDO	0.61	204	47,5	30	—	8	50,0
OLIVEIRA	0.60	134	57,4	38	5,2	15	13,3
PAÇO	0.54	325	47,6	56	10,7	91	29,6
PEDROSO	0.90	266	39,8	17	—	7	57,1
PARADA	0.49	114	50,0	31	35,4	27	37,0
PORTELA	0.95	229	37,1	2	—	8	62,5
PROZELO	0.50	413	53,2	113	3,5	90	41,1
RIO CABRÃO	0.81	127	42,3	11	—	12	58,3
RIO FRIO	0.86	593	43,6	43	4,6	40	27,5
RIO MOINHOS	0.76	326	44,1	49	4,1	29	37,9
SÁ	0.82	180	47,2	14	7,1	17	35,3
SABADIM	0.75	367	41,6	39	—	51	62,7
(ARCOS) SALVADOR	0.04	367	41,6	75	24,0	364	49,7
SALVADOR	0.73	195	49,7	42	11,9	9	55,5
ST.ª CRISTINA	0.94	103	42,7	4	—	2	—
ST.ª MARIA	0.60	284	63,0	73	2,7	40	35,0
SANTAR	0.77	70	37,1	14	7,1	2	50,0
S. COSME, S. DAMIÃO	0.81	117	42,7	15	—	7	28,5
S. JORGE	0.75	442	36,4	64	1,5	45	46,6
S. PAIO (ARCO)	0.75	518	59,2	94	10,6	362	47,5
S. PAIO	0.63	134	63,4	32	3,1	17	17,6
S. VICENTE	0.82	136	55,8	16	6,2	8	50,0
SENHAREI	0.88	209	51,6	15	6,6	9	22,2
SISTELO	0.93	274	36,4	4	75	13	30,7
SOAJO	0.79	610	39,4	83	1,2	45	44,4
SOUTO	0.68	235	55,3	40	2,5	34	29,4
TABACO	0.45	113	58,4	50	4,0	12	41,6
VALE	0.79	605	41,8	78	4,0	12	41,6
VILA FONCHE	0.33	162	59,2	54	25,9	53	54,7
VILELA	0.76	190	49,5	28	7,1	16	75,0



Interessa ainda referir que, em 1981, os valores absolutos ou relativos referentes à população feminina nos sectores terciário e secundário é diminuta em todas as freguesias (Quadro 1).

Naturalmente as atracções e as repulsões têm reflexos vários na demografia, sobretudo nas estruturas etárias e na composição por sexos. Com certeza que este concelho não pode ser interpretado de modo isolado, mas sim enquadrado numa região — a Serra Minhota. Nesta perspectiva não podemos ignorar os factores de ordem social, económica, cultural e natural, inerentes às mutações dum espaço rural. Assim a debilidade de uma economia fundamentada numa agricultura tradicional e de subsistência, a ausência de ligações rápidas com os mercados de emprego e consumo aceleram a mobilidade da população activa.

Se passarmos a analisar o fenómeno à escala da freguesia do Soajo e dos seus lugares, podemos dizer que se assiste desde 1911 a um decréscimo da população presente, na maioria dos lugares; na Várzea aos 171 habitantes em 1940 sucedem-se 151 habitantes em 1981 e 156 em 1985⁵. Numa tentativa de interpretação deste complexo fenómeno demográfico recorreremos à análise de uma outra variável - a evolução do número de fogos nos diferentes lugares da freguesia de Soajo. O seu estudo vem mostrar que existiu de facto, de 1911 a 1960, um aumento do número de fogos na maioria dos lugares desta freguesia. Contudo, durante o período de 1970 a 1981 assiste-se, novamente, a um decréscimo do seu número, com excepção do lugar da Várzea que tinha 60 fogos em 1981, e que o mantém em 1985. Neste total de 60 fogos só 48 se encontram permanentemente habitados. Os restantes 12 fogos são pertença de proprietários que residem fora da freguesia, no país ou no estrangeiro.

O inquérito, por nós realizado a nível de cada fogo da aldeia da Várzea, em 1985, mostrou-nos haver 156 habitantes presentes, sendo 63 homens e 93 mulheres (Quadro 2).

A aldeia da Várzea apresenta, em 1981, uma dependência em relação à população idosa de 52,5% o que ultrapassa em muito a média nacional (24,3%) e os 39,3% à escala do concelho de Arcos de Valdevez (Quadro 3).

Interessa ainda anotar que, em 1985 (Fig. 5), os valores absolutos referentes aos diferentes grupos etários concedem, em relação à população presente um predomínio para o somatório de jovens e velhos, com evidência para o sexo feminino.

Embora os valores alusivos às mulheres presentes sejam superiores aos dos homens, deve sublinhar-se a maior presença de homens

⁵ Inquérito por nós realizado, fogo a fogo, em Maio de 1985.

Quadro 3 - DEPENDÊNCIA DE JOVENS E DE VELHOS ⁶

ÁREAS DE RESIDÊNCIA	Dependência jovens (%)	Dependência velhos (%)
CONTINENTE	45,5	24,3
CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ	52,6	39,3
FREGUESIA DO SOAJO	44,1	46,1
LUGAR DA VÁRZEA	47,4	52,5

com menos de 20 anos, e com mais de 50 e menos de 60 anos, visto que há somente 7 homens do grupo etário dos 25 aos 39 anos.

Analisemos, de seguida, o fenómeno respeitante à população ausente, aos residentes no país ou no estrangeiro (Fig. 5). Às 156 pessoas presentes contrapõem-se os 134 habitantes ausentes no país e os 191 radicados no estrangeiro (Quadro 4).

O motivo principal da mobilidade da população activa repousa, fundamentalmente, nas oportunidades de emprego encontradas, em oposição ao isolamento da sua aldeia - Várzea.

Verificaram-se saídas em «série» da população jovem e adulta, principalmente, no período de 1968 a 1976. É notório o predomínio da saída de homens com mais de 25 e menos de 50 anos (Fig. 5).

A leitura da Fig. 6 retrata bem o aspecto da mobilidade não só em relação ao local de trabalho, mas também em função do número de pessoas ausentes no país e estrangeiro, naturais da Várzea, e do grupo etário. Fica evidente que a distância, em relação à Várzea, parece ser prioritária. Ora vejamos a diferenciação dos seguintes agrupamentos (Fig. 6):

- Cerca de 50 habitantes trabalham em Arcos de Valdevez, e encontram-se repartidos pelos diferentes grupos etários, o que denuncia uma fixação de famílias;
- para o Porto, Braga e Ponte da Barca vão predominantemente indivíduos com mais de 15 e menos de 55 anos;

⁶ Dependência de jovens - Dj

$$Dj = \frac{P (0 \text{ a } 14 \text{ anos})}{P (15 \text{ a } 59 \text{ anos})} \times 100$$

Dependência de velhos - Dv

$$Dj = \frac{P (60 \text{ e mais anos})}{P (15 \text{ a } 59 \text{ anos})} \times 100$$

Quadro 2 - POPULAÇÃO PRESENTE NA VÁRZEA, POR SEXO GRUPOS ETÁRIOS 1985

POPULAÇÃO POR SEXO		GRUPOS ETÁRIOS																
		0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	+ 75 anos	TOTAL
TOTAL H + M		11	9	17	14	6	7	7	10	13	6	7	8	16	10	8	7	156
ES- HOMENS	NÚMERO	5	4	9	8	2	3	2	2	5	2	4	4	5	4	3	1	63
	% EM RELAÇÃO AO TOTAL	45,5	44,4	52,9	57,1	33,3	42,9	28,6	20,0	38,5	33,3	57,1	50,0	31,3	40,0	37,5	14,3	40,4
MULHERES	NÚMERO	6	5	8	6	4	4	5	8	8	4	3	4	11	6	5	6	93
	% EM RELAÇÃO AO TOTAL	54,5	55,6	47,1	42,9	66,7	57,1	71,4	80,0	61,5	66,7	42,9	50,0	68,7	60,0	62,5	85,7	59,6

Quadro 4-VALORES ABSOLUTOS E PERCENTUAIS DE JOVENS, ADULTOS E VELHOS, POR SEXO-ALDEIA DA VÁRZEA-1985

a) Presentes

POPULAÇÃO PRESENTE POR SEXOS	TOTAL PRESENTE	JOVENS					ADULTOS					VELHOS				
		Total	Menos 15 anos		Menos 25 e mais 15 anos		Total	De 25 a 39 anos		De 40 a 59 anos		Total	De 60 a 74 anos		75 e mais	
		N.	N.	%	N.	%	N.	N.	%	N.	%	N.	N.	%	N.	%
Homens + mulheres	156	57	37	64,9	20	35,1	58	24	41,1	34	58,5	41	34	82,9	7	17,1
Homens	63	28	18	64,2	10	35,8	22	7	31,8	15	68,2	13	12	92,3	1	7,7
Mulheres	93	29	19	65,5	10	34,5	36	17	47,3	19	52,8	28	22	78,6	6	21,4

b) Ausentes no País e no Estrangeiro

AUSENTES	N.º TOTAL	JOVENS					ADULTOS					VELHOS				
		Total	Menos 15 anos		Menos 25 e mais 15 anos		Total	De 25 a 39 anos		De 40 a 59 anos		Total	De 60 a 74 anos		75 e mais	
		N.	N.	%	N.	%	N.	N.	%	N.	%	N.	N.	%	N.	%
No País Homens + mulheres	134	32	16	50,0	16	50,0	99	42	42,4	57	57,6	3	3	100	—	—
No Estrangeiro Homens + mulheres	191	56	29	51,8	27	48,2	134	82	61,2	52	38,8	1	1	100	—	—
TOTAL	325	88	45	51,1	43	48,9	233	124	53,2	109	46,8	4	4	100	—	—

Fig. 5 — População presente e ausente, por sexo e grupo etário.
Várzea, 1985

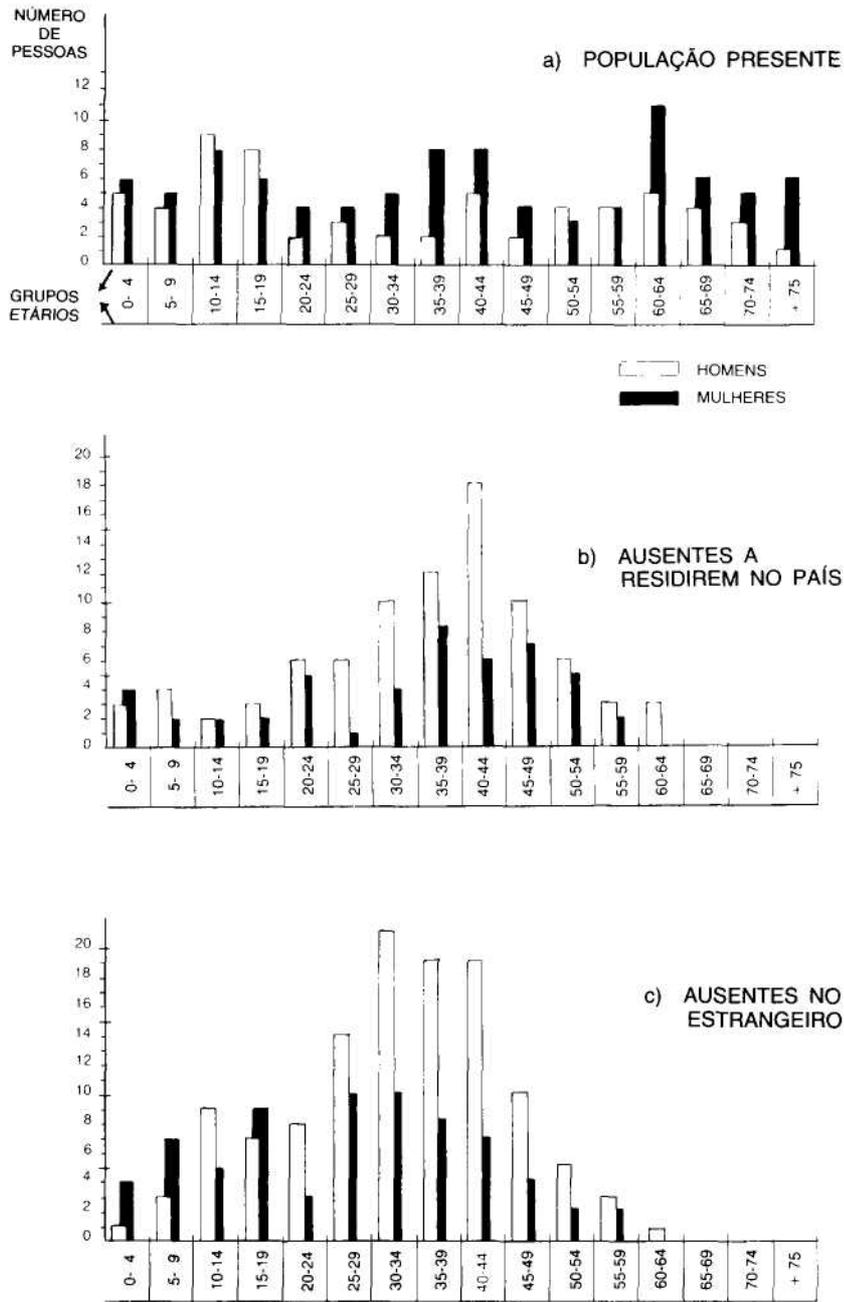
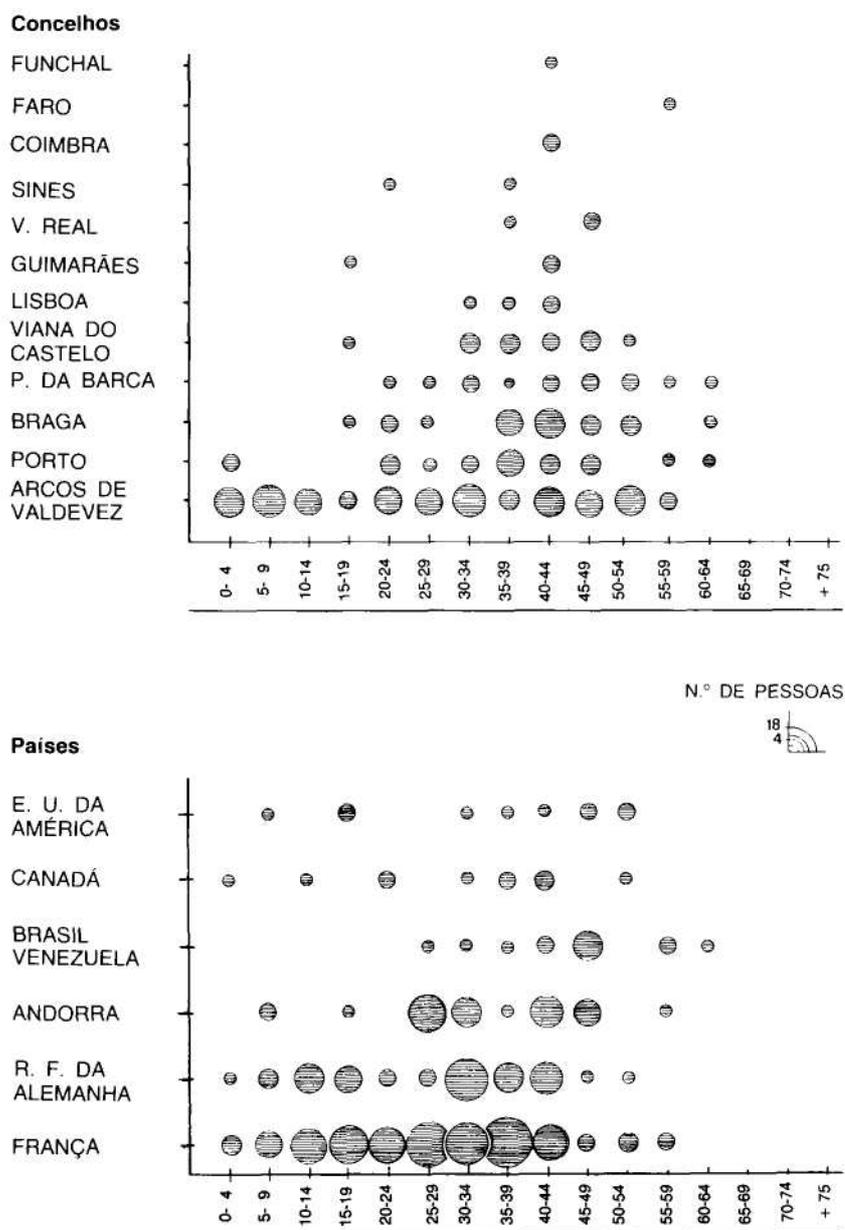


Fig. 6 — População ausente por concelhos e países de residência, segundo os grupos etários. Várzea, 1985.



Fonte: Inquérito, por nós realizado, por fogo, Várzea, 1985.

- em relação aos restantes locais de trabalho no país, as idades estão compreendidas entre mais de 30 e menos de 50 anos.

Estes últimos agrupamentos parecem denunciar que só o homem se deslocou, ficando o resto da família na aldeia.

No que se refere à população ausente no estrangeiro, há o domínio de deslocações para a França, mas os valores denunciam uma possível mobilidade de vários elementos da família.

Tentamos, de maneira sintética, retratar a situação actual, sob ponto de vista demográfico, da aldeia da Várzea (Fig. 7). É evidente o peso da população adulta ausente, com o domínio dos jovens e velhos na população presente. Interrogamo-nos sobre o futuro da economia desta aldeia. Em relação a um futuro próximo, alguns dos ausentes admitem o seu regresso e encaram a Várzea como um refúgio ideal para passar alguns anos de calma e repouso, após a construção da nova casa. Outros, pelo contrário, receiam esse regresso, preocupando-se com o futuro dos filhos; por isso não decidiram ainda sobre seu regresso à aldeia.

3. *A povoação*

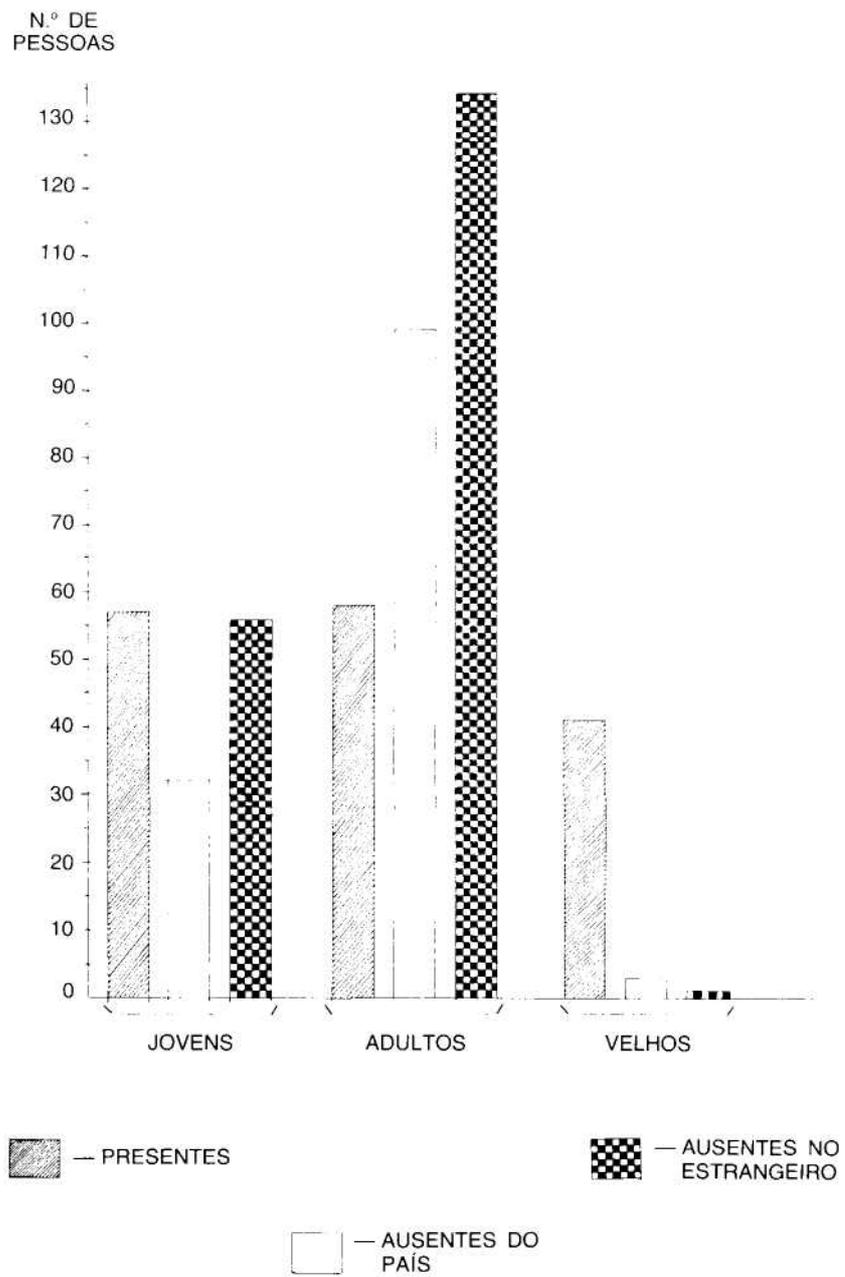
A aldeia em estudo desenvolve-se a uma altitude superior a 340 metros e tem uma magnífica exposição (Foto A). Ao observarmos os diferentes tipos de casa que nela existem, parece-nos possível deduzir que a povoação foi evoluindo por fases conforme a expansão da sua população, sem, contudo, existirem preocupações de ordenamento. As casas surgem em locais de fraquíssimo acesso, o que leva a admitir que cada proprietário construiu segundo as suas conveniências ou segundo o terreno que dispunha.

Somos de opinião que o núcleo primitivo da aldeia da Várzea devia ser próximo da pequena capela, pois daí irradiam as principais ruelas de ligação à Veiga.

Neste aglomerado as casas são servidas por estreitíssimos caminhos, sinuosos e por vezes de forte declive. A maioria dos acessos não possui largura para a passagem dum carro de bois.

Estas ruelas oferecem durante o dia, mas principalmente ao entardecer, uma movimentação típica de uma aldeia serrana de economia agro-pastorial. Enquanto durante o dia as galinhas percorrem estes sinuosos caminhos, os utensílios agrícolas aparecem aqui e ali, as crianças brincam e os idosos, sentados nas escadas, assistem silenciosos, com mais ou menos lucidez à mutação cada vez mais rápida dos costumes e da própria fisionomia da sua querida aldeia, com o desaparecer do Sol no horizonte a vida da povoação toma outra vivacida-

Fig. 7 — Jovens, adultos e velhos na população presente e ausente. Várzea, 1985.



Fonte: Inquérito, por nós realizado, por fogo, Várzea, 1985.

de, pois que de todos os caminhos que cruzam a vertente e dão acesso à aldeia surgem cabeças de gado ou seja a «Fazenda», que se encaminha para os currais situados, na sua maioria, no rés-do-chão de cada casa.

A casa típica da Várzea tem dois pisos, o rés-do-chão, que serve de corte, e um andar com funções de habitação. As lojas são térreas e o acesso à habitação faz-se por meio de escadas de pedra exteriores. As varandas são frequentes, umas abertas, outras fechadas, em madeira. Todas as traves e barrotes em que assenta o sobrado são de carvalho, espécie abundante na área. É frequente verem-se as traves, em que assenta o sobrado, apoiadas em pilares de pedra, que se erguem no exterior e no interior das lojas (Fotos C, D e E).

Enquadrado na povoação, como elemento vivo desta paisagem rural, aparece-nos altivo um conjunto de canastros, junto à eira comum. Estes canastros são em granito, mas de pequeno porte, o que reflecte a pequena produção de milho da aldeia (Fotos F e G).

Uma outra construção ligada à vida camponesa são os moinhos que se localizam junto do rio Castro Laboreiro. Cada moinho passa, por herança, de geração em geração, não é, portanto propriedade da povoação. Os moinhos existentes oferecem uma construção semelhante à de algumas habitações mais antigas (Fotos H e C), o que permite discernir um conjunto de casas dispersas na aldeia que, em nossa opinião, retratam as construções primitivas. Todas as outras construções reflectem influências exteriores, desde a simples substituição do colmo pela telha, até à nova habitação onde impera o cimento e portas e janelas de material galvanizado e plástico.

4. *Recurso económico*

A Várzea, situando-se numa pequena rechã da margem direita do rio Castro Laboreiro, possui como cenário majestoso a montanha que, para além da sua sumptuosidade e beleza, constituiu por muitos anos um difícil obstáculo à comunicação entre as populações das aldeias entre si e com as das vilas e cidades do Noroeste português.

Outrora os contactos tinham lugar, geralmente, pela época das grandes feiras do Soajo e Arcos de Valdevez, para venda, compra ou troca de produtos, ou por motivos de deslocação de doentes, muitas vezes em padiolas, ao médico ou ao hospital de Arcos de Valdevez.

Só a partir dos anos 60 até 1981 é que surge a primeira estrada florestal, em mau estado, que liga a Várzea a partir do Soajo, e passando pela povoação de Adrão, num circuito de cerca de 25 Km, visto não existir ligação por Cunhas. Só muito recentemente, desde 1982, o acesso à Várzea foi encurtado de 13,5 Km, devido à abertura, pela

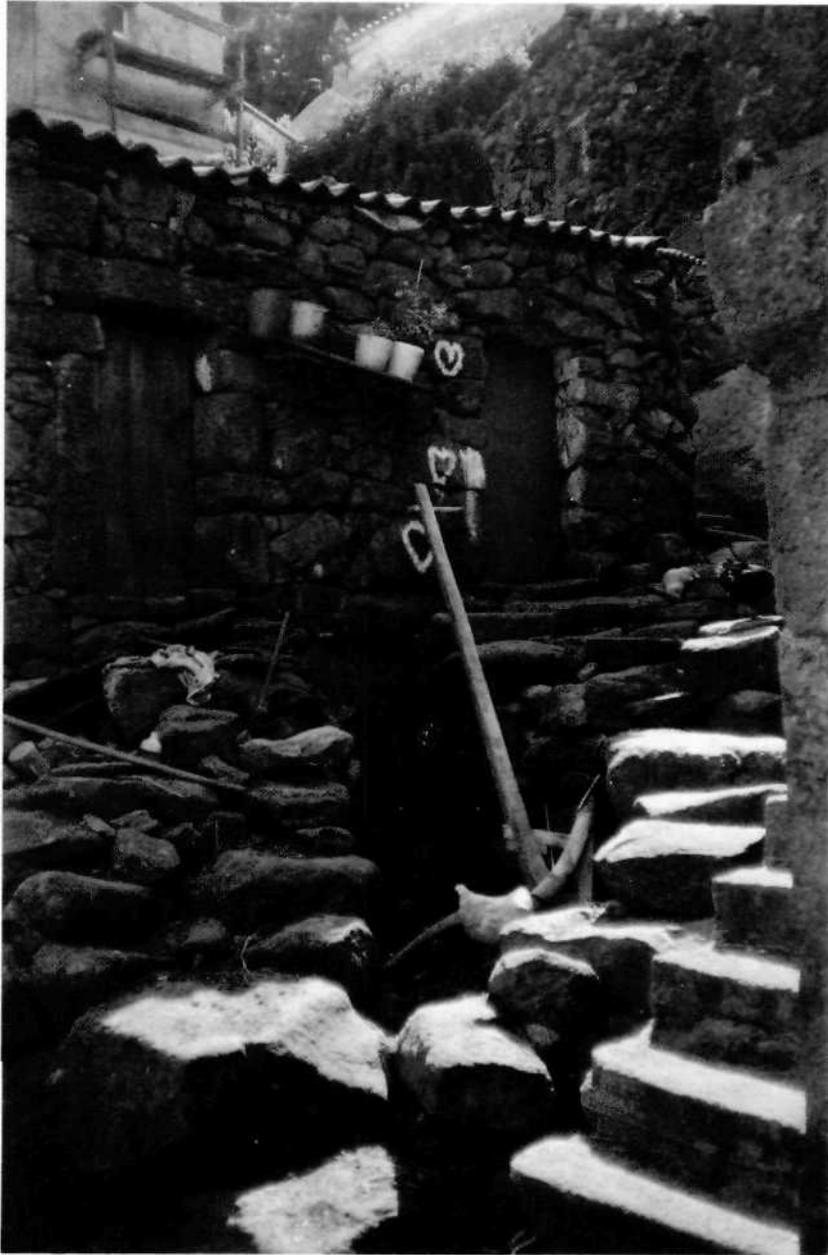


Foto C - *Casa de habitação*
Junto do acesso à corte, um arado de madeira.
Várzea, Maio, 1985.



Foto D - *Vista parcial de uma ruela*
Várzea, 1985



Foto E - *Jovens e velhos na vida da aldeia.*
Aspecto exterior de algumas casas.
Várzea. 1985



Foto F - *Conjunto de canastros junto à eira e enquadrados na povoação.*
Várzea, Maio. 1985



Foto G - *Dois canastros em plena Veiga, área a ser inundada.*
Várzea, Maio, 1985

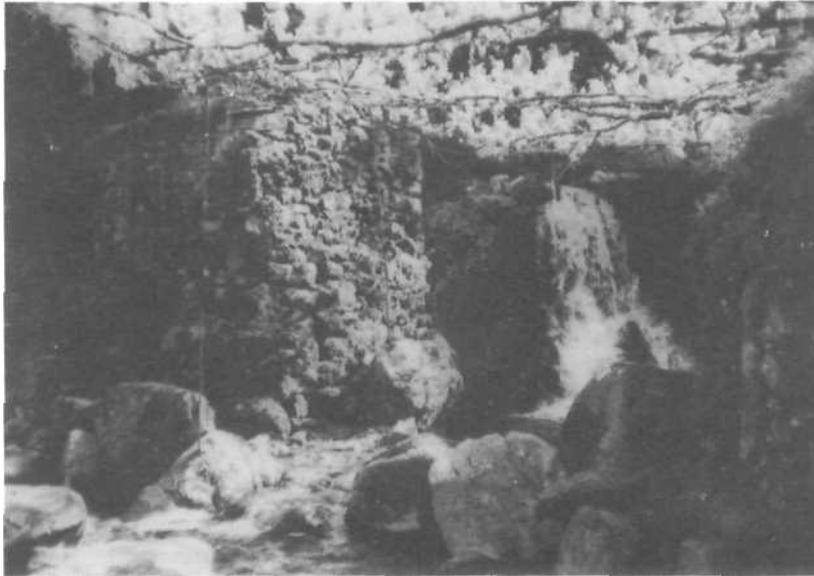


Foto H - *Um moinho junto do rio. velha construção em granito ainda em funcionamento. Vai ser submerso. Várzea, 1985*

Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, da estrada de Soajo a Cunhas, cujas beneficiações e pavimentação foram realizadas pela EDP até ao cruzamento referido, e o troço de 6 Km entre Cunhas, e a Várzea foi aberto pelo Parque Nacional Peneda Gerês.

A ausência de vias de comunicação, associada aos factores de ordem natural, levou a população desta aldeia, durante sucessivas gerações, a desenvolver uma economia de tipo agro-pastoril, a fim de retirar dos campos e da criação de gado o essencial para a sua sobrevivência.

4.1. *Estrutura fundiária da Veiga (área a ser inundada)*

A leitura pormenorizada do levantamento cadastral da área a expropriar pela EDP⁷ no vale do rio Castro Laboreiro, isto é da área a

¹ Levantamento Cadastral e Planla cadastral, na Esc. 1/1000, de toda a área do vale de Castro Laboreiro a ser expropriada pela Empresa Pública/EDP, relacionado com o aproveitamento hidroeléctrico do Alto Lindoso.

O Levantamento foi realizado por técnicos da EDP. 1983. Toda a documentação foi cedida oficialmente para fins de investigação.

ser inundada pela albufeira ligada ao aproveitamento hidroeléctrico do Alto Lindoso, permitiu-nos dar concisamente uma imagem real, quer da extensão e fragmentação parcelar da Veiga a ser submersa, quer da área global de lavradio e bravio da aldeia, sem, contudo, ignorar os baldios.

Antes mesmo de qualquer análise, devemos dizer que dos 85,8 ha de terrenos particulares da Várzea, incluindo os de cultivo, os lameiros e os de mato, vão ser expropriados cerca de 25 ha (de terrenos de lavradio) e cerca de 22 ha de mato⁸. Em relação aos 500 ha de baldio, somente serão afectados pela albufeira cerca de 45 ha.

Dada a importância em se conhecer a extensão dos prédios rústicos de cada proprietário residente na Várzea ou fora, seria necessário possuir um levantamento cadastral de toda a área agrícola e de baldio da aldeia em estudo. Na impossibilidade de o realizarmos, por insuficiência de documentação referente ao cadastro, optamos pelo estudo cuidado da planta cadastral referente à área a expropriar pela EDP, pois que, embora limitada pela cota dos 339 metros de altitude, enquadra a quase totalidade dos campos de cultivo da Várzea, isto é, aqueles que serão de impossível estudo no futuro.

A leitura da Fig. 8 destaca-nos uma intensa fragmentação do prédio rústico que compõe a Veiga a ser submersa⁹.

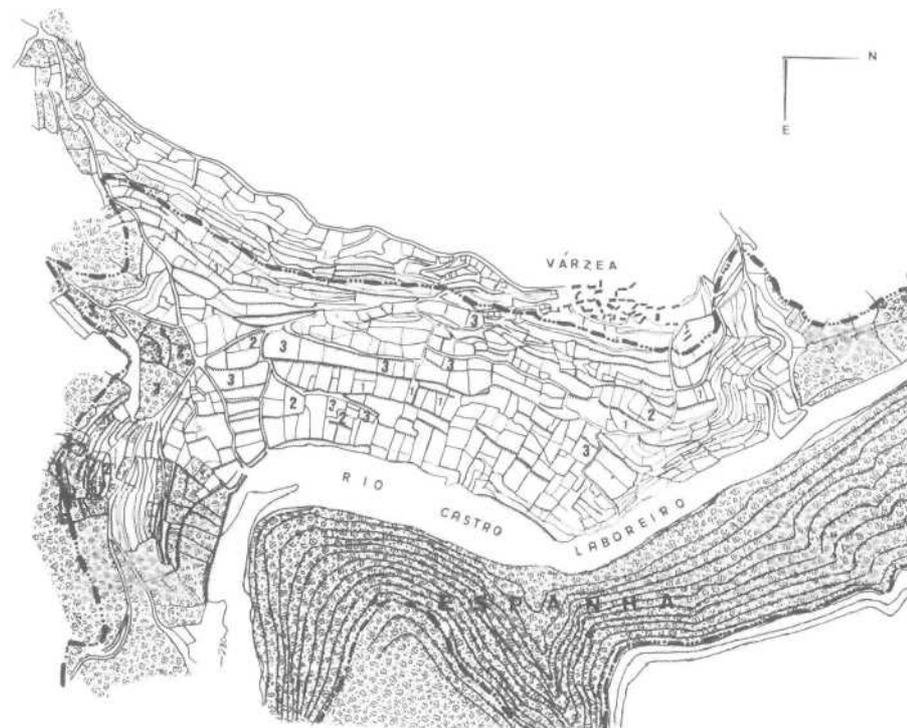
Para além da Veiga se desenvolver numa vertente cujo declive foi moldado pelo trabalho humano ao construir uma bela e complexa paisagem de socacos, outros factores terão contribuído para a acentuada fragmentação parcelar, de que a planta cadastral (Fig. 8) é um fiel documento. Uma das causas determinantes está relacionada com o processo jurídico de posse de terra. Numa aldeia, onde a principal riqueza é a terra e o gado, a herança ocupa lugar de evidência nos processos jurídicos em uso. Assim dos 102 proprietários da Veiga, somente 66 residem na Várzea. Dos restantes 36 proprietários, por elos de parentesco, e consequentemente por motivos de herança, moram em Paradela, Cunhas, Adrão, Soajo, Arcos de Valdevez, Braga, Porto, Lisboa, etc.

Põe-se, naturalmente em seguida, a questão de saber qual a dimensão média dos prédios por proprietário. Antes mesmo de qualquer comentário, devemos proceder à leitura da Fig. 9, onde se destaca o elevado número de proprietários com área média por prédio inferior a 240 m² (cerca de 56% do total dos proprietários). Assim, enquanto cerca de 17% dos proprietários, possuidores de prédios na classe de área «inferior a 240 m²», têm um só prédio de 100 a 200 m²,

⁸ Documentação fornecida pelos Serviços Técnicos da EDP.

⁹ As terras serão submersas até à cota de 338 metros de altitude, mas a expropriação atinge os 339 metros.

Fig. 8 —Estrutura fundiária da Veiga, Várzea-1983

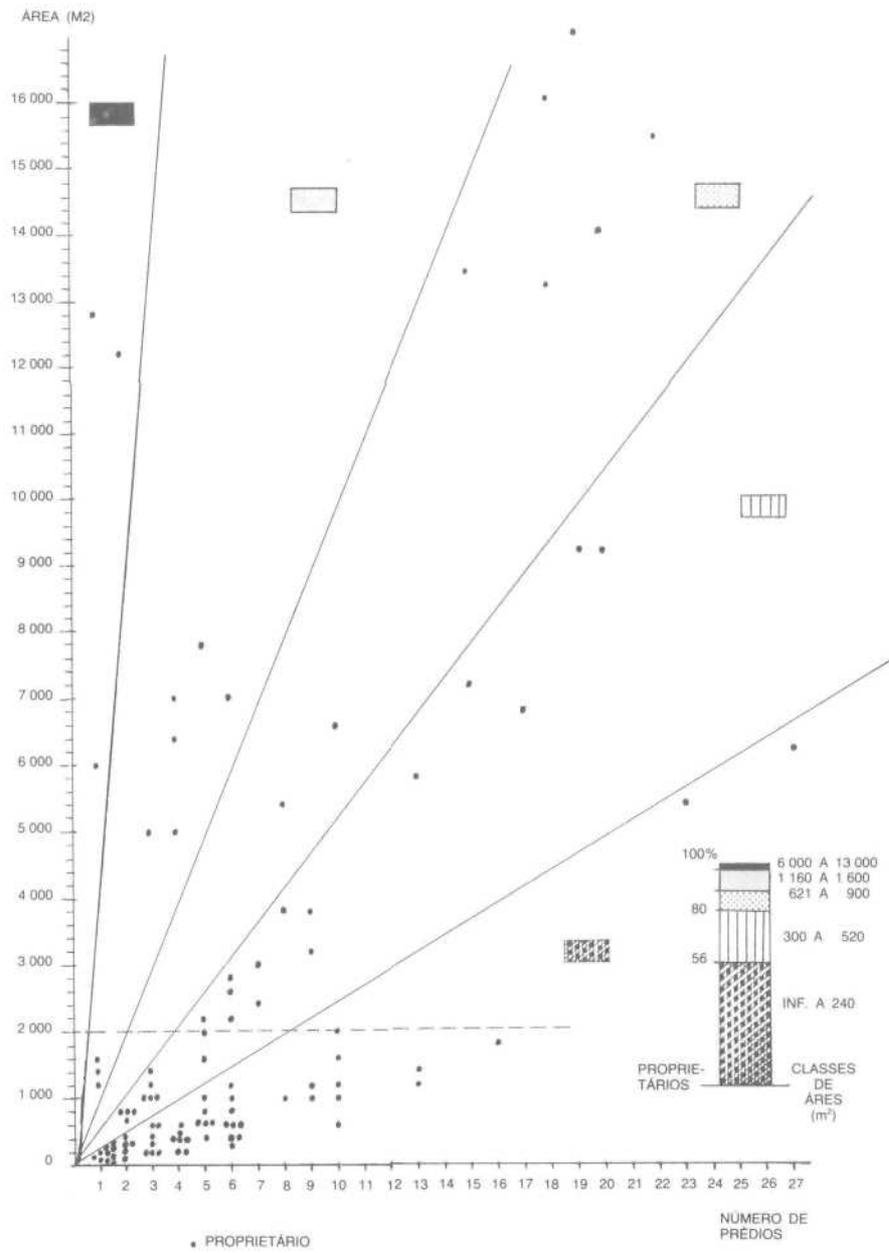


LEGENDA

-  PRÉDIOS RÚSTICOS
-  - BRAVIO
-  MUROS
-  - ALDEIA DA VÁRZEA
-  TALUDE NATURAL
-  1, 2, 3 - PRÉDIOS RÚSTICOS DE TRES PROPRIETÁRIOS
-  CURVA DE NÍVEL DOS 339 METROS (ÁREA DA VEIGA A SER SUBMERSA)

Fonte: Planta cadastral, E.D.P., Esc. 1/1000, 1983
Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Lindoso

Fig. 9 — Dimensão média do prédio rústico, por proprietário - Várzea



Fonte: Planta cadastral. Alto Undoso. E.D.P., 1983.

cerca de 74% dos proprietários possuem dois a dez prédios. Em ambos os casos, a área total nunca excede os 2000 nr, do que resulta uma média de 100 a 200 nr por prédio rústico. Ainda na mesma «classe de área» existem, somente, dois proprietários com superfícies rústicas de valores superiores a 2000 nr. Contudo a área média dos seus prédios continua a variar entre os 220 e 240 nr.

Os proprietários dos prédios de maiores dimensões são dois, um deles com um único prédio de 12 800 m² e o outro com dois prédios rústicos (área global de 12 200 nr).

Dos restantes donos da terra na Veiga verificamos que cerca de 9%, 8% e 25% possuem, respectivamente prédios cujas dimensões médias se enquadram nas classes de área de «1160 a 1600 nr», de «621 a 900 nr». e, finalmente na de «300 a 520 nr».

Para além da extrema fragmentação do prédio rústico há um elevado índice de dispersão das parcelas. Para uma melhor compreensão da dispersão dos prédios, numerámos as diferentes parcelas de três proprietários (Fig. 8).

Observemos, ainda, no arranjo do espaço rural em estudo, que a pequena leira continua a ser trabalhada segundo o declive. Se a organização deste espaço rural é já, desde início, um primoroso resultado concreto da adaptação do homem da terra ao meio que o rodeia, com a criação dos socalcos, podemos dizer que a actual fragmentação da superfície arável continua a mostrar que essa divisão se faz de forma que todo o campo tivesse água e fosse possível trabalhar a terra aproveitando o maior declive.

Nesta superfície arável profundamente retalhada, a ocupação é variada. Assim, aos 102 proprietários rústicos pertencem 703 prédios, o que corresponde cerca de 47 ha, sendo 15,6 ha de cultivo, 3,0 ha de pousio, 6,5 ha de lameiro e 21,9 ha de mato.

A leitura cuidada dos dados que compõem o levantamento cadastral permite-nos tirar deduções interessantes sobre possíveis agrupamentos em função do número de proprietários e o valor percentual do tipo ou tipos de ocupação do solo (Fig. 10). Assim, num primeiro agrupamento só 20 proprietários da Veiga possuem prédios atribuídos exclusivamente a culturas, o que corresponde a 2,9% da área em estudo. Seguindo a mesma metodologia vemos que, só 5 e 4 proprietários possuem exclusivamente prédios de mato (24,9% do total) e pousio (0,4 da área da Veiga), respectivamente. Os restantes 73 proprietários compõem um terceiro agrupamento, onde foram postas em evidência três combinatórias; ou seja, existem 17 com prédios de cultivo e pousio (2,7% do total), 18 com prédios de lavradio e bravio (3,8% da área global) e, finalmente, 38 com áreas de cultivo¹⁰, pou-

¹⁰ Englobamos no cultivo os lameiros, em virtude de existirem os naturais e os semeados.

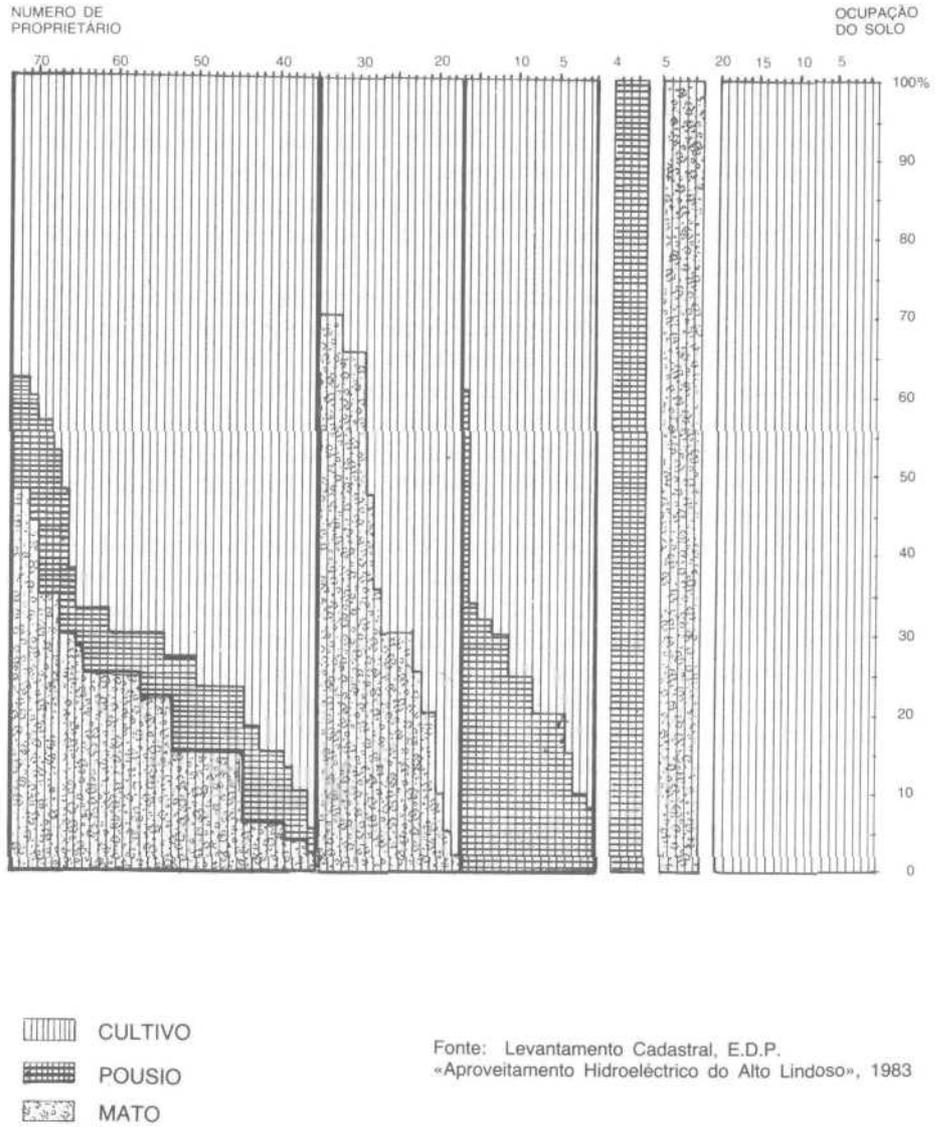


Fig. 10- Agrupamentos de proprietários em função da ocupação do solo.

sio e bravio (65,3% da terra da Veiga). Estes 73 proprietários possuem na sua globalidade 71,8% da área total da Veiga.

Resta saber qual a superfície em função do tipo de ocupação do solo por proprietário. Servimo-nos, para a sua determinação da leitura minuciosa do levantamento cadastral realizado pela EDP; e foi-nos possível retirar as seguintes ilações:

- a cada um dos proprietários possuidores exclusivamente de área de cultivo pertence, em média, 670,4 nr;
- aos cinco proprietários de prédios de bravio, é atribuída unitariamente uma área média de 23392 m²;
- aos restantes 73 proprietários atribui-se uma área média de 2440 nr de terras de cultivo, 846 nr de área de bravio e 917 nr de solo em pousio.

Do exposto torna-se evidente a elevada representatividade da pequena dimensão do prédio rústico. Mas, se um por um lado estamos perante um espaço agrícola profundamente dividido, por outro a verdade é que a Veiga é a melhor e a mais extensa área de cultivo da Várzea.

4.2. *Ocupação do solo*

É nestes campos de reduzidas dimensões que se cultiva o centeio, a batata e o milho para o sustento da população. A agricultura praticada é de tipo tradicional e muito exigente em mão de obra. Ora como nesta aldeia é elevadíssima a percentagem da população ausente, os trabalhos da terra são feitos por mulheres, crianças e velhos.

Estamos numa aldeia de montanha onde os condicionalismos naturais associados ao elevado grau de fragmentação do prédio rústico, à pequena dimensão da parcela agrícola, à falta de uma população activa jovem e adulta, à ausência de comunicação como elos de ligação com os mercados e à prática duma agricultura tradicional e de subsistência, exigem, para a sobrevivência da aldeia o recurso à criação de gado (Fotos I e J).

No respeitante à vida agro-pastoril, podemos dizer que sempre exigiu o recurso a serviços comunitários, principalmente no trabalho de vigilância da «fazenda» " na serra de Maio a Setembro. Os locais de pasto na serra continuam a ser o Cabeço da Pedrada, o Outeiro Maior, Fonte Furcada, Corga e Chã do Boi (Fig. 2).

¹¹ Gado na generalidade, com evidência para o bovino.



Foto I - "CANEJA" - caminhos muito estreitos e de forte declive para acesso á Veiga.

Actualmente a vigília do gado na serra é dificultada pela falta de pastores, o que conduz ao abandono do gado na serra. Outrora, através de processos de raízes comunitárias, havia sempre todas as noites um ou mais homens a dormir na cabana construída na «chã» (local de pasto e de refúgio do gado).

Quanto à «Rez»¹², esta alimenta-se em locais mais próximos da

¹² Gado miúdo - ovino e caprino.



Foto J - «Fazenda» a pastar num campo da Veiga
Várzea. Abril de 1985

aldeia e regressa ao pôr do Sol ao curral, o que constitui um cenário típico das nossas aldeias serranas.

Embora a criação de gado continue a ser uma fonte de riqueza desta população, ela permanece, como outrora, exclusivamente para produção de carne, não se observando qualquer tentativa, mesmo de tipo artesanal, de produção de manteiga ou queijo.

[]. VÁRZEA: APRECIÇÃO SOBRE O SEU FUTURO

Do exposto depreende-se que, a Veiga onde predomina uma agricultura intensiva e de tipo tradicional, ligada a uma exploração altamente fragmentada e a um elevado índice de dispersão das parcelas corresponde a uma área de baixa produção por hectare.

Contudo, para além dos problemas económicos interessa analisar de imediato um sentimento a não ignorar cujo significado é principalmente moral. Sabemos que estas pequenas áreas de cultivo satisfazem perfeitamente a paixão da terra, isto é, a sua existência cria nos donos a ilusão consoladora de que são proprietários de uma «terra» que passa de geração em geração. A Veiga da Várzea, como a de

qualquer outra aldeia da Serra Minhota, é, actualmente, um património essencial à sobrevivência de uma população serrana.

É certo, que o nível económico e social da maioria da população residente na Várzea depende de bens financeiros enviados pelos familiares, radicados no país ou no estrangeiro, acrescidos, em percentagem muito variável de família para família, dos rendimentos retirados da terra e da criação de gado. Logo, a submersão, para breve, do seu maior e melhor terreno de lavradio cria entre a população preocupações quanto ao futuro económico da aldeia.

Estamos, pois, perante um complexo problema, a saber: no futuro qual a área da cultivo e de lameiro que salvaguardará a sobrevivência da população da Várzea?

Conscientes das potencialidades do espaço rural de montanha parece-nos urgente a elaboração e concretização de projectos de ordenamento rural e regional. Ora, a Várzea não deve ser estudada isoladamente mas integrando-a no todo da «Serra». Há que criar uma nova perspectiva económica, social e cultural para a população serrana.

A «Serra Minhota» é uma área que exige ser analisada por especialistas, a fim de encontrar um novo ordenamento deste espaço rural, sem contudo afectar o seu rico património cultural e natural.

A Várzea é, pois, uma aldeia de economia agro-pastoril situada na Serra do Soajo e, simultaneamente, na área do Parque Nacional Peneda Gerês, que aguarda, urgentemente, a prática duma política agrícola adequada aos complexos problemas do espaço rural da Serra Minhota.

Julho, 1985

RÉSUMÉ

Várzea est un des villages de la Montagne du Minho («Serra Minhota»); il se situe sur la rive droite de la rivière Castro Laboreiro, affluent du Lima. L'absence de voies de communication, ainsi que des facteurs d'ordre naturel, ont conduit la population de ce village à développer pendant plusieurs générations une économie de type agropastoral. La Veiga est le terrain labourable le plus grand et le plus étendu qui, très bientôt, sera submergé par les eaux du barrage hydro-électrique de l'Alto Lindoso. Grâce à la lecture des plans cadastraux réalisés par l'E.D.P. et à un intense travail sur le terrain, nous avons réussi à présenter une analyse de la structure des fonds de la Veiga et à tirer quelques conclusions sur son importance dans la vie économique de la population du village. Cette brève note sera une des contributions à considérer pour l'élaboration d'une étude sur la répartition de l'espace rural dans la «Serra Minhota».

ABSTRACT

Várzea is one of the villages of the «Serra Minhota», situated on the right bank of the river Castro Laboreiro, a tributary of the Lima. The non-existence of roads, together with natural factors, has determined that, for successive generations, the inhabitants of this village could not be but a combination of shepherds and farmers. The Veiga is the largest and most extensive arable area in the village, but will soon be drowned by the waters of the lake formed by the hydro-electric dam of Alto Lindoso. By reading the EDP records, and after hard field work, we are able to analyse the policy of land possession concerning the Veiga as well as to draw some conclusions about the economic life of the population of the village. This short paper will be one of the contributions to be taken into consideration for studies about the future ordering of rural space in the «Serra Minhota».